

7. MARQUES, Alexandra de Souza. *Editoriais de jornais do século XIX* editados, distribuição feita por modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

7.2 *Editoriais de jornais do século XIX* editados.

Edição: Alexandra de Souza Marques

Supervisão: Marcelo Módolo.

Diario de S. Paulo – Nº 95 – 7 de Novembro de 1883

Ainda um incidente de immigra-| ção

Com a maior satisfação chamamos a attenção | de nossos leitores para o artigo editorial
que | publicou *Le Messenger du Brésil*, de 23 de Outu-| bro findo, sobre as
infundadas informações de | alguns jornaes relativas á suposta promessa feita |
pelo nosso distincto amigo sr. visconde de In-| daiatuba quanto á liberdade de 80
escravos de | suas propriedades agricolas. || Traduzindo e hornado as columnas
do *Diario* | com o alludido artigo, só temos de applaudir as | justas e sensatas
reflexões do illustrado colle-| ga. || Após os incidentes sérios, como aquelle de
que | fallámos em o nosso ultimo numero, os inciden-| tes ridiculos. || Diversos
jornaes do Rio, e notadamente a *Fo-| lha Nova*, noticiaram que um fazendeiro
muito | conhecido em Campinas tencionava libertar os | oitenta escravos que lhe
retavam, e citaram | mesmo os termos de um despacho telegraphico, | com visos
de official, pois que era; segundo di-| ziam, dirigido ao director da immigração no
Rio. || Desejariamos deveras que estas boas noticias já fossem possiveis e que se
podesse dar começo | ás libertações em massa, nas fazendas; muito, | porém, há a
fazer, antes de chegarmos a esse | estado. || E' preciso primeiramente libertar os
escravos | das cidades, os que são absolutamente inuteis; | poder-se-hia limitar ou
extinguir o trafico dos | ingenuos, libertos por lei, ou dos enfermos e va-|
letudinarios, com o auxilio do fundo de emancipa-| ção: mas quem conhece o
character altivo e inde-| pendente da maior parte dos fazendeiros paulis-|
tas comprehenderá que as invenções de tele-| grammas não os induzirá a fazer
libertações em | massa, absolutamente impossiveis emquanto os | immigrants
não forem em quantidade sufficien-| te para substituir os escravos. || O convite

foi, entretanto, habilmente lançado; | o nome do imperador foi citado pelo *Diario de Campinas* no emprego destes pequenos meios; | fallou-se de promessas feitas, de compromissos | tomados não só pelo visconde de Indaiatuba, | como pelo conde de Tres Rios, etc. || O visconde de Indaiatuba fez saber que estes | factos eram de todo o ponto inexactos, como tam-| bem que a realização dessas libertações, effectua-| da inoportunamente, sem plano e sem metho-| do, seria absolutamente perigosa; e si nesta | questão a alguém assiste o direito de ser acredi-| tado, é a este fazendeiro, que trabalha ha trinta | annos, arrostando com difficuldades e despezas | para o successo da immigração. A substituição | do escravo é uma questão urgente; mas este in-| cidente e outros que poderíamos citar provam á | saciedade que o problema não será resolvido | por esses pequenos manejos. || Continuaremos a observar os incidentes dia-| rios que, si não forem tomados na devida consi-| deração, hão de repetir-se, tornando impossivel | todo o remedio. || Como diz o visconde de Indaiatuba, melhor, | empregado seria o tempo na resolução da questão | pratica do que em incutir nos infelizes escravos | infundadas esperanças de sua libertação imme-| diata, que provocaria a ruina do paiz. E' | verdade que para a resolução das questões pra-| ticas é necessaria alguma cousa além das idéas | vagas: faz-se precisa uma intervenção activa e | continua e os homens do governo têm muitas | cousas mais em que occupa-se. E', entretanto | para desejar-se que se, não pertube com esses | factos os poucos fazendeiros que, como o viscon-| de de Indaiatuba, procuram com suas proprias | forças trazer ao Brazil a população que lhe fal-| ta.

Diario de S. Paulo – N° 78 – 17 de Outubro de 1883

Rara vez as urnas, em nossa provincia, terão | consagrado uma victoria mais significativa em | relação ás questões politicas e sociaes de actuali-| dade, do que aquela que presentemente laureia | a frente do redactor deste jornal, seu candidato | com o programma conhecido, com a posição po-| litica francamente determinada, coma sua nor-| ma de conducta de ante mão traçada por entre os | interesses em jogo no pleito eleitoral. || A victoria não podia ser mais eloquente e nem | mais esmagadora. || A linguagem das urnas, affirmando-a, procla-| mou é provincia e ao paiz sua plena approvação | é nossa conducta politica desde o dia

17 de Julho | deste anno, dia em que este jornal veio á luz da | publicidade, até este momento em que annuncia-| mos aos nossos leitores aquelle triumpho. || Nem os odios e os insultos dos chamados abo-| licionistas, de parte os sinceros e de boa fé, com-| fundidos com elles, nessa propaganda insensata e | desmoralisadora da grandeza e santidade da pro-| pria causa; nem as injustiças de alguns correli-| gionarios, nada desviou-nos da linha recta que | seguimos, e nem a poeira levantada pelo tropel | de uma justiça arbitraria sem a comprehensão | de seus deveres, annuviou-nos o horisonte. || Exceptuando os nossos naturaes adversarios, | conservadores e republicanos, cujas mãos aper-| tamos no ardor da peleja e na hora do nosso | triumpho, podemos dizer que não vimos diante | dos passos sinão algumas sombras que esvaece-| ram-se simplesmente com a nossa aproximação | das urnas. || E provamos que não representamos, nesta posi-| ção elevada que occupamos na imprensa do paiz, | nem os interesses de um grupo e nem das preten-| ções de uma familia, e que bem temos comprehen-| dido o meio social em que nos collocámos, con-| substanciando na individualidade politica do jor-| nal – os interesses collectivos do partido ao qual | pertencemos. || Si á geral acceitação que temos tido em todos | os municipios da provincia, reunimos hoje a ma-| nifestação das urnas do 1º districto, podemos as-| segurar que de todos os pontos ouvimos um só | brado de animação, dizendo-nos – avante ! || E continuaremos a trilhar o mesmo caminho, | mantendo a mesma posição, hoje mais do que | nunca, quando contamos com o apoio esclarecido | da consciencia publica e verificamos diante das | urnas, principalmente em relação ás questões so-| ciaes, que os nossos adversarios, que arregaçam | as mangas e nos apedrejam, constituem um pu-| gillo quasi imperceptivel de amotinadores que | devem estar sob as vistas da policia a bem da or-| dem social. || Essa gritaria enorme e ao mesmo tempo ano-| nyma só representa o despeito de alguns atra-| vessadores de peculios e o odio impotente de al-| guns abolicionistas de hoje, traficantes de carne | humana ainda hontem, cujas mascaras temos ar-| rancado. || A nossa victoria é a resposta única que offere-| cemos a esses gritadores. || E não se nos faça a injustiça de suppôr que | apreciamos o esplendido triumpho das urnas, | porque o nosso candidato fôra o alvo desse trium-| pho. || Acima do nosso candidato collocamos a nossa | sociedade e consideramos o partido, e diante de | seus gloriosos destinos avaliámos a nossa victo-| ria. || Ella quer dizer simplesmente que o partido li-| beral levanta-se arregimentado – forte pela união

| e pelo prestigio tradicional de sua bandeira, e | que d'ora em diante se fará
melhor sentir a sua | acção benéfica na direcção dos negocios publicos. || A
ultima luta eleitoral veio provar eloquente-| mente que o grande e generoso
partido liberal | apenas descansava alguns instantes em sua ten-| da gloriosa das
fadigas do passado, e que hoje, | alli está de pé, com as suas forças organisadas e
| prompto para o combate. || E o *D [i] ario de S. Paulo* estará a seu lado dia e |
noite, occupando o seu posto na vanguarda, e | affrontando os primeiros choques
das forças ad-| versarias com serenidade e de animo e com a con-| sciencia de
quem apenas cumpre o seu dever. || E, occupando aquelle posto não poupará
sacri-| ficios em defesa dos amigos, e nem recuará um só | passo da posição
ostensivamente tomada em re-| lação á momentosa reforma – emancipação do
ele-| mento servil, continuando a fiscalisar a execução da lei de 28 de Setembro,
a conducta dos juizes, | denunciando os seus erros, e punindo-os com | a critica
severa mas justa, a censura do direito | a condemnação da justiça. || E sahimos da
lut [a] como entrámos, de frente | sempre erguida, e com as vestes limpas da
poei-| ra do combate. || Para os pequenos demolidores das reputações | que
encontram – o nosso soberano desprezo. || Para os amigos descontentes que em
um mo-| mento esqueceram o que deviam a si proprios e | ao partido – o nosso
completo esquecimento, e | após, o nosso appello leal e sincero para a total |
confraternisação partidaria. || Para os adversarios naturaes de todos os tem-| pos
– a segurança do nosso respeito e da nossa | consideração á nobreza de
sentimentos revelada | fóra das urnas e diante das urnas. || Para os
correligionarios – os nossos parabens e | por nossa vez o brado de animação –
avante ! || Que não nos embriague a victoria. Não descan-| cemos. || Muito nos
resta ainda para que possamos im-| pôr a realisação das reformas que
pretendemos | pela real manifestação da nossa força. || Uniformisemos a
conducta politica, convergin-| do os esforços partidarios em pról da idéas e | não
dos homens; organisemos as nossas legiões | em toda a provincia, e na
communhão da luta es-| tableçamos a solidariedade, esse laço sagrado | que
prende um partido a cada um de seus mem-| bros, e estes entre si como
companheiros da mes-| ma cruzada e soldados da mesma bandeira. || Não somos
um individuo, sinão um complexo | de principios que constituem o programma
parti-| dario; não somos uma familia sinão uma aggre-| gação de familias que
representa um grande par-| tido. || Aos chefes que nos dirigiram na luta e nos as-

seguraram a victoria, as nossas homenagens res- peitosas deconsideração imposta pela gratidão, pelo | dever e pela disciplina, e aos nossos companhei- ros, soldados como nós, todas as expansões affe- ctuosas de camaradas do mesmo combate e dos | mesmos triumphos. || Parabens ao partido liberal.

Diario de S. Paulo – N° 99 – 11 de Novembro de 1883.

Quando organisámos a resistencia da imprensa | séria, livre e independente ao abolicionismo in- sensato e especulador, collocando- nos n'uma po- sição superior aos partidos e aos governos, con- tavamos com as injurias, as calumnias e os | [i]nsultos despreziveis de todos quantos, in- teressados directa ou indirectamente nesse com- mercio immoral de peculios, diariamente reali- savam magnificas operações bancarias com o apoio | apparatuso da propria justiça publica. || Organizada a resistencia, começámos por diri- gil-a com firmeza e resolução inquebrantavel, | ouvindo logo em torno da nossa officina a grita- ria descompassada dos ganhadores, que em tropel | restituiam forçadamente á thesouraria os pecu- lios indevidamente recebidos, esvasiando assim | as *burras negras* que avaras guardavam os fruc- tos de uma sordida especulação. || Dahi essa tempestade desfeita das paixões le- vantadas pelo interesse offendido a estrondar | por sobre as nossas cabeças. || Calmos e impertubaveis continuámos o nosso caminho, discutindo as questões sociaes com os | factos, com os principios de direito e com as dis- posições da lei. || A' fouce da insurreição temos opposto simples- mente a penna do jornalista; ás injurias, os | factos que não se contestam. || Desafiamos a responsabilidade: e os crimino- sos fogem dos tribunaes. || E no desempenho de missão tão elevada, e ao | mesmo tempo tão melindrosa, não penetrámos | uma só vez no lar domestico, esse sanctuario | nunca respeitado pelos corsarios da imprensa e | pelos corsarios dos peculios que exercitam a sua | pirataria nos mares da *emancipação*... || E esta será a nossa invariavel norma de con- ducta, hoje como hontem, amanhã e sempre. || Em que pese a justiça negra, não pela côr da- quelle que a administra, mas pelos seus effeitos | fataes, consequencias da inobservancia da lei e | dos máus instinctos perturbadores da ordem so- cial, o *Diario de S. Paulo* estará ao lado da la- voura, defendendo-a dos perigos de uma

propa-| ganda incendiaria, aconselhando-lhe a resisten-| cia em nome da lei, a reacção em nome da for-| ça, quando indispensavel para garantir a ordem | publica, garantindo a vida e a propriedade amea-| çadas pela justiça cega que desconhece a lei e | ignora o direito. || Podem, pois, insultar-nos, os juizes que não | se defendem dos seus crimes, os seus instru-| mentos que não se justificam do papel que re-| presentam; a uns e outros continuaremos a op-| pôr a consciencia calma que se inspira na mo-| ralidade social e se apoia nos grandes interes-| ses que representam- a transformação gradual, | mas incessante, do trabalho escravo para o tra-| balho livre, sem o abalo das respectivas relações | juridicas, sem o sacrificio do presente em holo-| causto ao futuro. || Não somos estacionarios e nem imprudente-| mente collocamos pedras na roda da moderna | civilização. || O progresso nunca foi a mutilação do direito, | sinão o seu desenvolvimento successivo atravez | dessas modificações por que passam os povos | na conquista gloriosa de seus destinos. || Observando a lei, praticando o direito em ga-| rantia da vida, da liberdade, da honra e da pro-| priedade, affirmamos a nossa capacidade moral | e social para promovermos a propria regeneração, | usando de todos os nossos direitos e gozando de todas | a liberdades. || Somos um rochedo erguido no meio do oceano | das paixões dos abolicionistas insensatos, so-| branceiro ás suas ondas revoltas e espuman-| tes... || Temos a impassibilidade do homem justo e a | calma do homem honesto. || Affrontamos todas as tempestades...

Diario de S. Paulo – 7 de Outubro de 1883.

A imprensa da capital, há poucos dias, noti-| ciou que o governo começára a executar a parte | essencial do projecto de saneamento das varzeas | do Tieté e Tamanduatehy, organizado pelo enge-| nheiro Stevaux, sob a administração do finado | senador Florencio deAbreu. || E informou ao mesmo tempo que este primeiro | ensaio, produzindo um abaixamento geral do | nivel normal do rio Tieté de 0,m50, e augmen-| tando a secção de escoamento para um dessecamento geral | daquellas varzeas. || Não conhecemos o projecto em todos os seus | detalhes, ou antes o plano em execução. || A parte que se executa, e que está conhecida, é | a que se refere á desobstrucção da cachoeira que | fica em frente á *Casa Verde*, mais de uma legoa | abaixo da Ponte- Grande e a abertura de um canal | obrigando o rio a descer nessa secção em linha | recta. Para isso é mister arrebenatar algumas pe-| dras que formam a cachoeira represando o rio. || Começamos por duvidar que este primeiro en-| saio produza o abaixamento geral do

nivel na | razão de 0,m50, e que isto concorra para o desêc-| camento das nossas varzeas. || Sem que sejamos profissionaes e sem que te-| nhamos estudos sobre a questão, desejando au-|xiliar efficazmente o illustre administrador da | provincia na realização de um melhoramento tão | importante, resolvemos aventurar algumas con-| siderações sobre o assumpto, sujeitando-as á | criteriosa apreciação de s. exc. E ao parecer dos | competentes. || Antes de tudo diremos já que a desobstrucção | daquella cachoeira não concorrerá para o desêc-|camento das varzeas, si outras medidas comple-|mentares não forem tomadas ao mesmo tempo. || Que[m] observa as enchentes das varzeas do Tieté e Tamanduatehy conclue que ellas são uma | resultante dos differentes aterrados que as atra-| vessam, formando differentes açudes, que recipro-| camente se represam. || Assim, o aterrado da Moóca represa a enchente | na parte superior; o do Braz, a parte interme-| diaria entre este e aquelle; o do Gazometro, a que | fica entre ambos, e assim o da rua Dr. João | Theodoro, da Luz e da linha Ingleza, etc. || As enchentes sobem até o nivel dos mesmos | aterrados. E qual é a razão? || Justamente porque, não tendo escoamentos | sufficientes, represam e formam esses immensos | açudes, constituindo o alagamento geral das | varzeas. || Perguntamos agora como o abaixamento de | 0,m50 do nivel normal do Tieté produzirá o de -| sêccamento das mesmas varzeas, quando não | abre novos escoamentos naquelles aterrados, | sendo que os actuaes são insufficientes? || E' nossa opinião que é indispensavel rasgar | os aterrados em differentes logares, construindo | pontes para que as aguas possam correr para o | Tieté, não ficando, como até aqui, estagnadas. || E este serviço deve ser primeiramente reali-| sado na linha Ingleza e depois no aterrado da | Luz, subindo sempre até chegar ao da Moóca, | etc. || Tudo isto importará em grandes despezas, que | se justificam, desde que, decretadas competente-| mente, forem applicadas de modo a conseguir-se | o resultado que se tem em vista. || Não seria mais util e conveniente augmentar | o leito do Tamanduatehy, não só quanto á lar-| gura, como quanto á profundidade, tornando-o | navegavel até á praça do Mercado para os botes | e lanchas a vapor? || E para este fim abrir nas varzeas esgotos con-| vergentes para o mesmo rio ? Tornando-o nave-| gavel até á praça do mercado, facilitar-se-hia o | transporte de generos de primeira necessidade, | da lenha, tijolos e outros materiaes de cons-| trução. || Si o plano do engenheiro Stevaux não consi-| dera a solução do problema por este lado, não | seria conveniente reconsideral-o, modificando-o | em termos de chegarmos áquelle resultado? || Não seria de conveniencia publica que esse | plano fosse conhecido e discutido, tanto mais | que a idéa principal tem a sympathica acceitação | de todos quantos conhecem a vantagem e utili-| dade resultantes do geral desêccamento das | varzeas? || Pensamos que hoje deve realizar-se o melho-| ramento iniciado, convindo, porém, desde já | pensar em completal-o. || E para isso s. exc. tem auxiliares habilitados, | que, reunidos em commissão, póde esta estudar | o melhor plano e organizar o respectivo orça-| mento para que tudo seja submetido ao conhecim-| mento da assembléa provincial em sua proxima | reunião. || Assim procedendo, temos em vista provocar a | discussão do assumpto, esclarecêl- o concorrendo | com as nossas

forças para que o honrado barão | de Guajará inscreva na historia de sua adminis-| tração um
melhoramento que recommendará o | seu nome illustre á gratidão da provincia.

Diario de S. Paulo – Nº 76 – 14 de Outubro de 1883.

Amanhã os cidadãos eleitores são chamados a | intervir na direcção politica e
adiministrativa dos | negocios da provincia, pela escolha dos seus re-|
presentantes, que devem constituir a assembléia | legislativa provincial, essa
gloriosa conquista da | democracia brasileira, o primeiro e até hoje tal-| vez o
único esforço pela autonomia e independen-| cia das provincias. || Considere-se
ou não uma instituição essencial-| mente administrativa pela natureza de suas
funções, as assembeças provinciaes, pela fiscali-| lisação que exercem nos actos
do governo, na | despeza, não deixam de influir directamente na | direcção da
sociedade e na educação nacional, | pelas suas leis ou deliberações, formando os
cos-| tumes publicos. || E independente desta consideração, o voto é | função
essencialmente politica, que decorre da | soberania, e, ao passo que symbolisar
uma idéa | ou um principio, deve tambem exprimir uma ne-| cessidade social
predominante, que exige imme-| diata satisfação dos poderes competentes. || A's
vezes esta necessidade social contrapõe-se | ao principio, e em nome della o
eleitor esquece | o que deve á disciplina partidaria, e vae consa-| gral-a votando
no candidato adversario politico, | mas com o qual está de pleno accordo em
rela-| ção á necessidade social, cuja satisfação é pedida | urgentemente. ||
Comprehende-se e justifica-se essa conducta | n'uma epocha de transformação
social, quando as | questões economicas são mais momentosas que | as referentes
á politica. || Atravessamos uma situação similhante. || Os partidos estão
divergentes em relação ás | soluções que devem ser dadas a essas questões |
sociaes agitadas pela imprensa e que preoccu-| pam o espirito publico. ||
Consequentemente, é de presumir-se que a lin-| guagem das urnas exprima o
sentimento predo-| minante nessas questões, baralhando os homens, | sem
todavia confundir os principios. Uns expli-| cam o phenomeno como uma
evolução social; ou-| tros, como decadencia dos costumes e enfraqueci-| mento
dos caracteres; estes, como uma resultan-| te da desmoralisação dos principios
pela impo-| tencia de sua acção civilisadora; aquelles, como | effeito do vicio

organico do systema. || Todos sentem o mal-estar social, um como que |
desequilíbrio das forças vivas da nação, e assigna-| lam causas diversas, como
disimilhantes são as | impressões que dominam os observadores e dif-| ferentes
os pontos de vista em que se acham [c]ol-| locados. || E atravessamos
incontestavelmente uma situa-| ção excepcional. || A sociedade agita-se, e em
todas as suas cama-| das sente-se uma anciedade que indica que o | presente não
satisfaz e que o futuro ninguem sa be o que possa ser ! || E' a transformação
imposta pelas leis do pro-| gresso, condições do desenvolvimento politico e |
moral dos povos pelo aperfeiçoamento de suas | instituições. || Não há como
impedir o seu curso fatal. || Auxiliemol-a si não quizermos ser victimas |
immoladas debaixo de suas rodas... || A liberdade, nas suas variadas
manifestações, | está tranquilla; pouco exige além das garantias | que tem e das
valvulas de respiração que possui; | satisfeita – não conspira; garantida – não
reage: | sem limite domina o espaço. || A consciencia humana não protesta
porque a | sua força é a soberania, e esta é o manto que en - | volve o cidadão no
lar domestico e nas ruas, nas | praças e nas audiencias, nos tribunaes e nos par-|
lamentos. || A sua voz é a imprensa; o pensamento livre é o | seu exercito. || O
cidadão sente-se fatalmente um homem li-| vre; e si, por excepção, alguém assim
não se jul-| ga, é porque ou é incapaz de o ser, ou não com-| prehende o que seja
liberdade. || Então qual a razão da transformação de que | fallamos? || Si a
liberdade está tranquilla, a propriedade | sente-se abalada em seus fundamentos e
pertur-| bada em suas relações juridicas, sem garantias | no presente e sem
esperança de as obter no fu-| turo. || E por isso decresce de valor, afugenta os ca-|
pitaes, entibia o commercio, desanima as indus-| trias; agrava a desconfiança e
espalha o terror | por toda a parte. || O mercado despovoa-se de consumidores e
pro-| ductores; a fonte do trabalho estanca-se; o pro-| ducto escasseia-se; as
transacções diminuem-se; | o credito desaparece como a sombra do capital | que
retrahiu-se. || E tudo porque a propriedade está vacillante:| já não é um direito,
póde ser uma convenção; a | respeita quem ainda não a considera um roubo, |
Dir-se-ha que o o socialismo bate-nos á porta; que | após aguarda a sua
opportuidade para batel-a | por sua vez o communismo coma a egualdade no |
roubo, a partilha do que não é nosso. || Dahi ao nihilismo dista apenas um passo.
|| Parece-nos que o excesso de liberdade prejudi-| ca a propriedade que é atacada
com o assenti-| mento expresso ou tacito das autoridades! || E' preciso *destruir*

para progredir; a ruina é | uma evolução: os destroços são alicerces da civi-
lização! || Nem o capital circulante, nem o immovel, nem | o credito, nem o
trabalho, têm horisontes para o | seu desenvolvimento ou mercado para as suas |
operações! || E' o capitalista que de todos desconfia; é o la-| vrador que dorme
sem confiança no dia seguinte; | é o negociante que retrahe as suas transacções e |
foge do desconhecido; é o industrial que se aper-| ta entre a materia prima e o
braço, entre o pro-| ducto e o salario, entre a burra do capitalista que | exige e o
mercado que não offerece! || O credito é um phantasma, porque a proprieda-| de
é uma ilusão! || Restabelecer a confiança na inviolabilidade da | propriedade
como direito e como facto; assegu-| rar-lhe o seu valor hoje e amanhã; mantel-a |
como o thermometro da fortuna privada e da for-| tuna publica, eis o desideratum
dos tempos que | correm, a reforma que se pede, a transformação | que se opera,
a razão dessa agitação continua e | inte [n]sa em todas as camadas sociaes. || Eis
tudo quanto deve ser considerado e medita-| do no dia de amanhã. || O voto que
cahir nas urnas deve ser a expres-| são da acção ou a reacção que tem produzido
esta | situação anormal. || Ou somos pelo respeito á propriedade, ou pelo | seu
desconhecimento, ou a sociedade com os seus | alicerces sobre a ordem
consustanciada pela ga-| rantia a todos os direitos, ou em vez della a | a
anarchia e o cahos social. || A missão do eleitor, no dia de amanhã, não | é
sómente nobre e elevada, é mais do que isso, | profundamente reformadora. || O
seu voto tem uma significação que affec-| tará o presente e o futuro da sociedade,
e peza-| rá na balança dos seus destinos. || Reflecta bem na sua escolha. || E
lembre-se que, ao lado de character honestis-| simo e independente, cumpre
escolher o espirito | pratico que tenha a comprehensão das necessi-| dades e
conveniencias sociaes. || Em vez de *oradores*, queremos legisladores;| venham as
leis e não os discursos, actos e não | palavras. || O tempo urge; o mal se
augmenta, e, si o re-| medio não fôr prompto e efficaz, quem poderá | collocar-se
diante da torrente no dia de amanhã? || As intrigas e as caluminias são espumas
que | boiam na superficie social em epochas eleitoraes | e tendem a desviar o
eleitor do caminho que | lhe tem traçado a consciencia e com ella o inte-| resse
social. || Não importa: || Com serenidade de animo marchemos todos ás | urnas e
affirmemos, com o nosso voto, a sobe-| rania da nossa vontade e a vontade da
soberania | popular. || Sejamos eleitores dignos de um povo livre. || A's urnas,
portanto.

Diario de S. Paulo – 15 de Setembro de 1883.

Temos, desde o nosso primeiro numero, com | rude franqueza e inteira lealdade, externado o | nosso pensamento sobre todas as questões da | actualidade, assumindo uma posição completa-| mente livre e independente perante os partidos | e perante o governo. || Liberal – não nos proclamamos orgam do par-| tido, não obstante a geral acceitação que tem | tido o nosso jornal, augmentando diariamente a | sua circulação em todas as localidades da pro-| vincia, o que muito nos honra, e não pedimos | venia a ninguem para sustentar e defender as | idéas que constituem as aspirações as mais | pronunciadas da democracia brasileira em todos | os tempos , desde o memoravel 7 de Abril até | os nossos dias. || Amigo da situação, nem por isso nos consi-| deramos jungidos ao seu carro de triumphos, e | procuramos servil-a com a sinceridade de nos-| sas crenças, com a lealdade de nossos esforços, | aconselhando, advertindo e mesmo censurando | quando observamos que os seus directores vão | caminho errado, sacrificando os principios e | com elles as tradições gloriosas do partido. || Fazemos as propaganda pela discussão livre, e| pretendemos formar a opinião organisando-a | para a luta, e, portanto, preparando-a para o | triumpho. || E nessa discussão só não respeitamos o abuso, | a violação da lei, o esquecimento do direito, | constituindo um delicto que estar sujeito | á critica severa e á justa censura da imprensa | livre; mas nem ao abrigo de um *testa de ferro* | e nem á sombra de um anonymo penetramos no | lar domestico e discutimos a vida privada. || Si atacamos de frente o funcionario que viola | a lei e que arbitraria e prepotentemente offen-| de direitos de terceiro, que estão sob a sua pro-| pria guarda e defesa, o fazemos individuali-| sando os factos que pratica no exercicio de suas | melindrosas attribuições e assumindo a respon-| sabilidade consequente, aguardando-a de animo | sereno, sem odio e paixão, porque reconhecemos | no

magistrado accusado o sagrado direito de | defender-se, desforçando-se com a lei e pedin-| do a devida punição para o seu injuriador, ou | calumniador, quando as censuras, constituindo | injurias ou calumnias, não possam ser pro-| vadas. || E si a imprensa que assim procede, e que | tambem exerce um direito sagrado, não é cha-| mada á responsabilidade, do silencio absoluto | do funcionario accusado decorre a presumpção legal de que foge elle á inteira applicação do | art. 234 do codigo criminal. || E não há como censurar a imprensa que as-| sim moralisa o funcionalismo, chamando-o ao | cumprimento do seu dever, concorrendo effica-| mente para a boa administração da justiça e | regularidade do serviço publico. || O *Diario de S. Paulo* tem-se mantido neste | terreno, com inteira independencia, não inda-| gando mesmo si o funcionario accusado per-| tence a este ou áquelle partido, porque ácima | dos interesses partidarios estão os da justiça, | que são de ordem social, condição de existen-| cia e de progresso das sociedades bem organi-| sadas. || O funcionario, no exercicio de seu cargo, | qualquer que seja a sua classe ou cathegoria, | tem diante de si o interesse publico, que justi-| fica o seu emprego, e a lei, que determina as | suas attribuições e o seu exercicio, não em be-| neficio do partido que representa, mas da socie-| dade, a cuja causa é obrigado a servir, e pelo | que recebe uma remuneração, não dos cofres de | seus correligionarios, mas dos cofres publicos, | producto dos impostos pagos indistinctamente | por todos os contribuintes, que não pertencem a | esta ou áquelle parcialidade politica, mas cons-| tituem a nação. || Não só nas reformas politicas como nas re-| formas sociaes guardamos inteira liberdade de | apreciação, defendendo as idéas que nos pa-| recerem as unicas que podem levar este paiz | á conquista de seus gloriosos destinos, sem to-| davia sacrificarmos os principios fundamentaes | do nosso programma, que constituem a bandeira | da democracia, pelos quaes nos bateremos hoje | e amanhã, como os nossos antepassados, por | elles, bateram-se ainda hontem. || Traçada esta norma invariavel de conducta, | pretendemos servir melhor á causa do partido | e melhor auxiliar o governo amigo. || E nem por isso nos consideramos orgam da- | quelle e nem entusiasta obrigado deste. || Somos homens livres.

Diario de S. Paulo – Nº 66 – 3 de Outubro de 1883.

O brasileiro não conhece o seu proprio paiz; | as provincias não são conhecidas de seis pro-| prios habitantes. || O ul [] imo aviso do ministério da justiça, de 20 | de Setembro, exigindo informações minuciosas | sobre todas as comarcas, relativas á posição | topographica de cada uma, ao seu commercio, industria, população, riqueza, sobre a distancia | que as separam da capital, do littoral, das estações | de ferro, etc., affirma eloquentemente e tris-| temente aquella verdade! || E o presidente da provincia, para satisfazer as | exigencias do ministro, dirigiu-se aos respectivos | juizes de direito, solicitando-lhes as mesmas | informações, naturalmente porque nas secretarias | e nos archivos nada possuímos que se pareça com a estatística! || E entretanto aquellas informações são indis-| pensaveis para uma justa classificação de comar-| cas, sua melhor divisão, mais facil e mais commo-| da distribuição de justiça. || E nós tudo ignoramos, pagando, não obstante, | em functionalismo enorme, que, bem dirigido, te-| ria há muito tempo recolhido os dados precisos | para que aquellas informações fossem de prompto | satisfeitas. || Em relação ás distancias entre os centros po-| pulosos nada possuímos de certo e positivo. || Ha quasi um seculo que o planalto interme-| diario entre o Tieté e o Rio – Grande, além de | Araraquara[[ra]], que se entende até o Paraná, está | povoado por lavradores paulistas e mineiros, | não se contando um só indigena sinão na | margem esquerda do Tieté, fonteira do Ava-| nhandava. || E até hoje é crença commum que ninguem | póde atravessar aquella planalto sem o risco de | ser assaltado pelos selvagens! || A commissão Pimenta Bueno, incubida dos | estudos de exploraçãp da via-ferrea para Matto-| Grosso, preparou-se convenientemente para resis-| tir a taes assaltos! || Officiaes, soldados, armamentos, formavam a | sua guarda avançada ao penetrar no sertão... || O distincto chefe da commissão logo reconhe-| ceu que pisava sómente *terreno povoado de chris-| tãos*, e, dispensando a força acompanhado de | um pratico e de um camarada, foi a Sant'Anna | de Paranyha e de lá voltára sem encontrar-| se com um só selvagem. || Assim considera-se ainda povoada de | indigenas e parte da região cortada pela estrada | goyana, a partir de

Uberaba até Goyaz, quando ella só atravessa povoações e fazendas cultivadas e é livremente frequentada pelas tropas, pelos carros e pelos viajantes. || Si em Goyaz, na propria secretaria do governo, ignorava-se o numero dos serventuarios de justiça, os seus nomes, as datas de suas nomeações, a lei que creou os seus officios; si condemnados havia, cuja residencia era ignorada, assim como desconhecida a natureza da pena que estavam cumprindo, ao menos o administrador da provincia em seu gabinete, conhecia as distancias das sédes das comarcas com os respectivos termos e com a capital, lá onde só tem havido, no maximo, dous engenheiros, porque ahi organizou-se o quadro das distancias em kilometros entre as cidades, villas e freguezias, trabalho que muito honra o illustrado engenheiro dr. Joaquim R. de Moraes Jardim, e aqui nem isso ao menos temos conseguido com um pessoal de engenheiros mais que sufficiente para a realização d'esse serviço? || O illustrado administrador, observando o aviso circular do ministerio da justiça, dirigira-se aos juizes de direito, quando os engenheiros de districtos, ao menos conjunctamente, podiam auxiliar a s. exc. com as desejadas informações, principalmente sob as distancias, população, commercio, etc. Lendo-se o aviso, naturalmente perguntamos – porque o governo imperial pretende taes esclarecimentos? || Quererá, porventura, melhorar a divisão civil, judiciaria e ecclesiastica da provincia? || Falta-lhe, para tudo isso, simplesmente a competencia. || Então porque aquellas informações? || Dados para a estatistica? || Eis o cahos da nossa administração, ou da nossa politica. Porque então não tratariamos da organização scientifica da estatistica, em vez de incubirmos aos magistrados serviços que lhes são estranhos e que pódem prejudicar o da justiça? || A nossa assembléa provincial já autorizou o governo, por sua lei n. 40 de 21 de Fevereiro de 1881, a conceder o premio de quatro contos de réis aos autor do melhor *tratado descriptivo do nosso estado, recursos e das garantias, vantagens, e facilidades que possam encontrar os immigrants n'esta provincia*, que, traduzido em allemão e italiano, fôsse distribuido em differentes paizes, abrindo para isso um concurso, etc. || Esta lei ainda não foi executada, e consta-nos que há por ahi pretendentes ao premio prometido. || Ora, quando pedimos o braço livre para substituir o braço escravo, e procuramos animar a immigração, nem executamos aquella lei, que ao menos diria ao estrangeiro, *n'uma exposição fiel e franca*, phrase da mesma lei, qual o nosso estado,

recursos e vantagens, e em nossos actos offici-
ciaes manifestamos a nossa completa ignorancia
das condições estatisticas do paiz, condições
elementares que de ha muito deviam estar orga-
nisadas e systematisadas ! || Independentemente do premio
promettido pela refereida lei, assim como incubimos
aos juizes *da medição de estradas para o conhecimento*
das distancias de suas comarcas, as estações de es-
tradas de ferro e a capital da provincia, porque
não realisaremos aquelle trabalho com o auxilio
dos engenheiros de districtos ? || Eis ahi um relevanfe
serviço que o illustrado administrador póde prestar-
nos, pondo em util contribuição a vontade patriotica
que o anima a promover o melhoramento material e
moral d'esta provincia. || O engenheiro de districto
está mais obrigado a este serviço pela natureza da
propria profissão e do proprio cargo, e, quando se
recuse a prestal-o, s. exc. tem em suas mãos o recurso,
qual o de substitui-lo por quem vá realisal-o. ||
Seja como fôr – ou execute-se a lei de 1881, evitan-
do-se cuidadosamente o patronato ou o empenho
que póde simplesmente vizar o premio de quatro
contos, ou realise-se o pensamento do legislador
por outros meios; o que é indispensavel, o que
é urgente e não póde se adiado é que se organi-
se um tratado descriptivo do que somo hoje e
seremos amanhã, com todos os uteis esclarecimen-
tos para que o estrangeiro possa voluntariamen-
te procurar-nos. || N'este assumpto será desculpavel
qualquer justo arbitrio, em ordem a promover a
satisfação de necessidades de primeira ordem, e
creia s. exc. que ninguem recusar-lhe-ha animação
e apoio franco para a consecução de tal *desideratum*,
que é o da citada lei e da provincia. || Sejam
os previdentes como já o fôra o nosso legislador. ||
Ainda voltaremos ao assumpto.

Diario de S. Paulo N° 68

A Vadiação

(Do Diario do Brazil)

Chamamos a attenção para o artigo | que em seguida transcrevemos, do nos-| so illustre collega da *Tribuna*, do Re-| cife, sem, porém, concordarmos in-| teiramente com todas as proposições | que nelle vão enunciadas. || Ao nosso vêr, não se póde negar, a | imperiosa necessidade de uma grande | corrente immigratoria. Dizer que já | temos braços bastantes, quando a po-| pulação deste vasto imperio não passa | de 10 a 12 milhões de almas, é, per-| dôe-nos o illustre collega, simplesmen-| te fechar os olhos á evidencia dos fa-| ctos. || O Brazil precisa de população como | um homem de pão para a bocca. São | enormes e incontestaveis as vantagens | da colonisação que, entre outros be-| neficios que nos deve trazer, concor-| rerá justamente para encaminhar para | o trabalho os braços actualmente exis-| tentes no paiz; proposição esta cuja | exactidão já tivemos occasião de de-| mosntrar. || Si entre nós, apesar das avultadas | quantia, despendidas, não se tem po-| dido colher da colonisação as grandes | vantagens que ella tem produzido em | outros paizes, a culpa é exclusivamente da administração publica que tem dado | a mais desastrada direcção ao respectivo | serviço. Si na repressão da vagabun-| dagem prevalecer a mesma desidia e | inepecia que tem esterilizado o malfada-| do serviço de colonisação, os resulta-| dos, com certeza, não serão mais felí-| zes. || Devemos declarar, em conclusão, que nos districtos ruraes é na união, | vigilancia e energia dos fazendeiros | que as tendencias á ociosidade e ao | crime devem encontrar o mais forte e | seguro freio. Pelo menos assim de-| monstra a experiencia com os libertos nos Estados do Sul da União norte-| americana. || Eis o artigo do illustre collega:

